

cotidiano

Escolas fecham o cerco a uso do celular na volta às aulas

Discussão sobre efeitos nocivos para o aprendizado impulsiona banimento

Laura Mattos

SÃO PAULO Escolas públicas e particulares no Brasil e em outros países ampliam a restrição aos celulares diante de estudos que apontam graves consequências do uso excessivo do aparelho por crianças e adolescentes, tanto para o aprendizado quanto para a saúde mental.

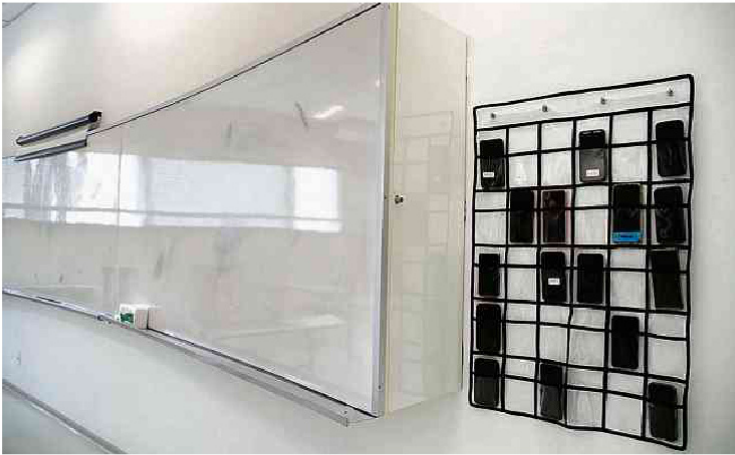
O veto em sala de aula já se dissemina, e o banimento total no ambiente escolar começa a ser adotado, normalmente com o apoio das famílias.

Na Escola da Vila, em São Paulo, por exemplo, foi colocado nas salas do ensino médio um suporte plástico em que os estudantes devem guardar os aparelhos desligados. “Isso tem ajudado bastante a manter o foco nas aulas”, diz Pablo Soares Damaceno, diretor do ensino médio.

Ele conta que a escola dá preferência a notebooks e tablets para atividades que envolvem a tecnologia e que, no recreio, tem incentivado a prática de esportes, música e jogos na tentativa de reduzir a dependência no celular.

O avanço das restrições foi recomendado por um relatório da Unesco do ano passado, contundente ao apontar estudos que mostram “associação negativa entre o uso das tecnologias e o desempenho dos estudantes”.

A ocasião da divulgação do relatório, em julho, em cada 4 países já tinha regras para restringir o celular nas escolas e, entre os que haviam anunciado o veto, estavam Espanha,



Suporte para alunos guardarem celulares em sala da Escola da Vila, em São Paulo Divulgação

Portugal, Finlândia, Holanda, Suíça e México. Desde então, o banimento vem ganhando espaço em outros países, entre os quais os Estados Unidos.

É um movimento oposto ao do primeiro momento do pós-pandemia, quando, depois das aulas online, as escolas entenderam que deveriam incorporar o celular.

Ele ganhou status de ferramenta pedagógica, tendo, inclusive, o uso requisitado em sala. A ideia geral era a de aproveitar o que seria o lado positivo do celular, a partir da constatação de que ninguém parecia capaz de desgrudar do aparelho.

Na prática, mostrou-se inviável conter o uso de redes sociais e jogos online pelos alu-

nos e se percebeu que o celular, mesmo nas mochilas, atrapalha a concentração.

Em dezembro, o Pisa (Programa Internacional de Avaliação dos Estudantes) divulgou dados alarmantes, entre os quais o de que 65% dos alunos de 15 anos nos países pesquisados relataram que se distraem nas aulas de matemática com o celular. No Brasil, a média é ainda maior, chegando a 80%.

Diante dos prejuízos evidentes, o controle deverá ser mais efetivo no novo ano letivo.

Walter Borja, diretor do Colégio Nossa Senhora das Graças, de São Paulo, conta que, desde 2023, havia a determinação de proibir celulares até o 6º ano em sala de aula, “mas

o controle era superficial”.

“Agora eles devem estar desligados e são colocados em uma caixa ou mantidos nas mochilas. Cada sala tem sua caixa”, explica. Já a partir do 6º ano e no ensino médio, relata o diretor, antes era estimulado o uso do celular para pesquisa e outros fins pedagógicos. “Mas agora vamos conter esse uso.”

O Colégio Magno criou, com a participação das famílias, alunos e professores, uma nova política do uso do celular, que, a partir de agora, não será permitido nas salas de aula nem para atividades pedagógicas.

“Entendemos que, sim, contatos externos tiram o foco dos alunos e prejudicam a aprendizagem”, diz a diretora Cláudia Tricate. A tecnol-

ogia, quando necessária, será utilizada por meio de outros dispositivos, como notebooks e tablets.

Francisco Manuel Ferreira, diretor pedagógico de fundamental 2 e ensino médio da Escola Viva, diz que a proibição total é cogitada para este ano, “a depender das situações que se apresentarem”. Por ora, o uso do aparelho é liberado nos intervalos e em sala de aula, para fins pedagógicos, a partir do 6º ano.

“Em função de um uso excessivo e até grave do celular, como a exposição indevida de alunos em redes sociais, consideramos suspê-lo de forma geral na escola já no ano passado, em algumas séries e por tempo determinado”, afirma.

Segundo ele, o veto total tem sido solicitado pelas famílias, mas a escola ainda resiste, por considerar “que o celular faz parte da vida e que a escola é um espaço importante no processo formativo de aprender a lidar com a tecnologia”.

É o mesmo raciocínio da Candá, em que o uso é proibido até o 5º ano, mas liberado a partir do 6º nos intervalos e, com autorização do professor e para fins pedagógicos, nas aulas. “Compreendemos que a educação digital é também

responsabilidade da escola e que a proibição do celular no ambiente escolar somente restringe a problemática”, defende a diretora pedagógica, Lígia Colnhesi Berenguel.

Nas rede estadual de ensino de São Paulo, o uso da tecnologia vem crescendo na gestão Tarcísio de Freitas (Republicanos), inclusive aplicativos em celular.

Questionada sobre o avanço das restrições ao aparelho contra danos a crianças e adolescentes, a Secretaria da Educação, sob comando de Renato Feder, respondeu, em nota, que “o uso do celular em sala de aula é permitido exclusivamente para finalidades pedagógicas” e que “o mau uso das tecnologias é mediado por

meio do Programa de Melhoria da Convivência e Proteção Escolar (Conviva-SP), que prevê o diálogo entre estudantes e gestão escolar e, quando necessário, com a presença dos pais e responsáveis”.

Já no Rio de Janeiro, o banimento completo ganha força. A gestão Eduardo Paes (PSD) publicou um decreto na última sexta-feira (2) vetando o aparelho até durante o recreio — com algumas exceções.

Em agosto do ano passado, um decreto já havia proibido a utilização em sala de aula. O secretário municipal de Educação, Renan Ferreirinha, menciona a “epidemia de distrações” para defender que haja uma ampliação da restrição ao celular nos intervalos entre as aulas e até no recreio.

A Escola Parque, instituição particular reconhecida no Rio e frequentada por filhos de famosos e intelectuais, elaborou, com a participação das famílias, alunos e professores, o “plano de mudança da cultura do uso de celular”, que prevê o recolhimento dos aparelhos antes do início das aulas. Entre as regras para este ano está a proibição total do aparelho por alunos do 6º e 7º, até no recreio.

Para os do 8º e 9º, o uso será liberado em três recreios por semana. O plano também prevê alternativas ao celular para os intervalos, como a organização de rodas de conversa, cineclubes, oficinas de desenho e cubo mágico e RPG.

“Já vínhamos observando os efeitos nocivos do celular nos estudantes nos últimos anos: adição, distração, redução da privacidade, instrumento para cyberbullying, entre outros”, diz Thiago Vedova, orientador do fundamental 2 (6º a 9º ano).

Ele conta que fez um intercâmbio pedagógico em Barcelona, onde observou iniciativas de restrição. “É um movimento mundial, com o respaldo de pediatras, neurologistas, psicólogos e de entidades ligadas à infância e à educação.”

Pré-Carnaval concentra público em megabloques e decepciona ambulantes

SÃO PAULO O pré-Carnaval de São Paulo, realizado neste fim de semana, foi de contrastes. Megabloques concentraram milhares de foliões, enquanto cordões tradicionais viram o público diminuir. Ao mesmo tempo, houve aumento de 33% no número de ambulantes e em alguns locais a impressão foi de que havia mais vendedores do público.

Neste ano, a prefeitura ampliou de 15 mil para 20 mil o número de credenciais para ambulantes. Na contramão, como mostrou a Folha, a gestão Ricardo Nunes (MDB) registrou mais de cem cancelamentos de desfiles de blocos.

Minguado em diversos pontos da cidade, o pré-Carnaval frustrou quem esperava faturar, como os irmãos Michelle, Rodrigo e William Santana de Souza. Até a tarde de domingo (4), após mais de três horas na rua Henrique Schaumann, na zona oeste, as vendas de latas de bebidas estavam no zero.

É o terceiro ano em que a família se cadastra para a venda de bebidas na folia, e o primeiro de vendas fracas. No sábado (3), na rua Fradique Coutinho, venderam R\$ 100. “No ano passado, o faturamento foi de R\$ 400 a R\$ 600 no pré-Carnaval”, comparou Rodrigo, 28. Para Michelle, 31, o cancela-



Desfile do bloco Acadêmicos do Baixo Augusta na av. Consolação, em SP Eduardo Knapp/Folhapress

mento de vários blocos pode ter contribuído para a queda.

“Investi R\$ 700 e não vendi R\$ 100”, disse a vendedora Jéssica Vital da Silva, 33, no trio da cantora Lexa na avenida Marquês de São Vicente, na zona oeste, no domingo (4). “Está todo mundo de caixa cheia”, afirmou em referência ao isopor.

Regiões que costumam receber muitos blocos, como Pinheiros e Faria Lima, viram público menor neste fim de semana. As grandes aglomerações ficaram restritas aos megabloques com suas estrelas, como o Acadêmicos do Baixo Augusta, que levou uma multidão ao centro da capital, e a região do Ibirapuera.

Questionada no início da tarde deste domingo sobre as queixas dos ambulantes, a prefeitura não respondeu. Bruno Lucca, Stefhanie Piovezan e Clayton Castelanli

MORTES

coluna.obituario@grupofolha.com.br

Político e comerciante, marcou a história de Alegre

ARY FIOREZI DE OLIVEIRA (1918 - 2024)

Mauren Luc

CURITIBA Na cidade de Alegre (ES), raros são os que nunca ouviram falar dos feitos de Ary Fiorezi de Oliveira. Prefeito em 1954 e vice-prefeito em 1967, foi responsável pelas primeiras grandes obras de urbanização da cidade, hoje com quase 30 mil habitantes.

O amigo e atual prefeito, Nemrod Emerick, o Nírrô, diz que Ary foi quem comprou o primeiro trator da prefeitura, utilizado para abrir ruas do município e para a criação de seus sete distritos, que receberam saneamento básico.

Nascido em Pirapetinga (MG), chegou a Alegre ainda bebê, por isso intitulava-se alegreense. Morador ilustre, era presença diária em seu armazém, herdado dos pais. Fez questão de trabalhar até poucos meses antes de falecer.

A filha Rosângela de Oliveira lembra que o propósito de Ary com o comércio era de que ninguém passasse fome. Ele ajudava muita gente, como a professora que veio da roça sem provimentos, o pai de família que precisava esperar a colheita para pagar os alimentos e os moradores de rua que alimentava diariamente.

Sua carreira política começou na década de 1950, sendo um dos fundadores da UDN (União Democrática Nacional) local e do PMDB (hoje MDB), do qual foi presidente.

Primeiro de oito filhos, teve o pai vereador e se orgulhava de ter levado à cidade grandes nomes da política nacional da época. “Mesmo se fossem de partidos contrários, sempre teve amizades com todos”, diz a filha.

Nírrô revela que todo domingo recebia a ligação de Ary. “Ele falava sobre a cidade e queria saber da evolução das obras, dos recursos destinados, sugería ações e até puxava a minha orelha quando necessário”.

O governador do Espírito Santo, Renato Casagrande, ligou para dar as condolências à família e publicou uma nota em suas redes sociais. “Per-

demos o amigo, ex-prefeito de Alegre, Ary Fiorezi de Oliveira. Foram mais de 100 anos de vida dedicada ao bem-estar da população de Alegre.”

Racionalista cristão e torcedor do Botafogo, Ary levou a vida com dignidade e humildade. “Recebeu muitas condecorações e homenagens, mas nunca quis placa com seu nome. Adorava fazer um discurso, mas nunca se vangloriou do que conquistou”, diz a filha. Dono de um discurso úni-

co, Ary levava as palavras para amenizar a dor das famílias enlutadas. Difícil o velório em que ele não estava presente. “Ele veio de família pobre, trabalhou a vida toda, sempre pensando no próximo. Dizia

que o administrador precisa de amor próprio e amor pelos outros”, recorda Rosângela.

Ary morreu em 21 de janeiro, de causas naturais. Deixa três filhos, quatro netos, duas bisnetas e uma cidade de luto.

Procure o Serviço Funerário Municipal de São Paulo: tel. (11) 3396-3800 e central 156; prefeitura.sp.gov.br/servicofunerario. Anúncio pago na Folha: tel. (11) 3224-4000. Seg. a sex.: 10h às 20h. Sáb. e dom.: 12h às 17h.

Aviso gratuito na seção: folha.com/mortes até as 18h para publicação no dia seguinte (19h de sexta para publicação aos domingos) ou pelo telefone (11) 3224-3305 das 16h às 18h em dias úteis. Informe um número de telefone para checagem das informações.

A família de

Lilia de Albuquerque

comunica o seu falecimento e convida para a Missa que se realizará 3ª feira, 6 de fevereiro, às 12:00h, na Igreja São José. Rua Dinamarca, 32 – Jardim Europa.